

O MUNDO SUSPENSO ENTRE DUAS BATIDAS DE UM RELÓGIO

Professor da USP e um dos maiores intelectuais brasileiros, Paulo Arantes analisa a conjuntura atual em podcast exclusivo para a Revista do NESEF

A Revista do NESEF propõe, neste número, uma experiência com o objetivo de ultrapassar os muros do território acadêmico e realizar concretamente, de alguma forma, a máxima de que não devemos nos limitar a observar o mundo que nos cerca.

E é para transformar filosofia em *práxis* e ocupar espaços de fissura social que a revista do NESEF, com o *media influencer* e *podcaster* Cristiano Machado, o GEsPBC (Grupo de Estudos em Filosofia Brasileira Contemporânea) e o Grupo de Pesquisa Histórias das Filosofias do CNPq, abre esse projeto experimental (o *podcast* ContraDizendo) com a série “Zonas de Espera”. São dois episódios com um dos intelectuais mais polêmicos do Brasil, e cujo “pessimismo organizado” (para usar as palavras do professor Emmanuel Appel) traz uma leitura extremamente perspicaz da realidade brasileira e mundial.

O professor Paulo Eduardo Arantes, além de uma referência incontestável nos estudos de Marx e Hegel, é ainda um dos pensadores mais ativos do Brasil com seus 78 anos e um dos maiores intelectuais brasileiros da contemporaneidade. Bacharel em Filosofia pela USP em 1967, obteve seu doutorado em 1973 na Universidade de Paris X, com a tese *Hegel e a ordem do tempo*, publicada em francês, no original, e em tradução de Bento Prado Júnior no Brasil. Arantes é o autor de uma vasta obra que perpassa várias áreas e temáticas, todas voltadas a pensar a cultura brasileira. Em destaque, colocamos aqui *O Novo Tempo do Mundo*, publicado em 2014 pela Editora Boitempo como parte da coleção Estado de Sítio, de sua própria curadoria, em que o autor demonstra a incrível capacidade de pensar o sistema atual a partir de um ponto de vista da periferia do capitalismo.

A entrevista que gerou os dois episódios de *podcast* teve duração de mais de duas horas e, seguindo uma ideia proposta pelo próprio entrevistado, os editores optaram por não a transcrever, mas disponibilizar

livremente seu áudio completo, para rompermos a lógica tradicional da produção acadêmica, excessivamente centrada em sua própria realidade, e ocuparmos, filosoficamente, outros caminhos e espaços que permitam maior alcance e interação com a população. A precisão e acidez sem filtros da “prosa bárbara” de Arantes, assim definida pelo próprio, poderá ser apreciada em sua inteireza, para além das torres de marfim, por isso mesmo, de forma muito mais incisiva e potente para provocar o movimento necessário no tecido da realidade, que parece estar, em uma metáfora perfeitamente pauloarantiana, congelada em um tempo de espera entre duas batidas do relógio que marca o tempo para o final do mundo.

É como um bailado, mas de um boxeador como Muhammad Ali, onde Arantes salta por entre referências tão distantes e díspares (da picada de uma bala perdida para a “rota de colisão” de forças cegas e destrutivas, do ressentimento de classe como afeto operativo das mobilizações sociais para a preguiça histórica do termo fascismo aplicado ao bolsomilitarismo e ao neofascismo em voga no mundo), costurando um caminho a ser trilhado pelo ouvinte/leitor, convidado a preencher as lacunas, propositalmente deixadas em sua fala, com suas próprias intuições e referências.

A Revista contou, para este projeto, com a participação dos entrevistadores convidados, Prof. Dr. Benito Maeso (USP – mediador), Profa. Ma. Barbara Canto (UFPR), Prof. Me. Eloyluz de Sousa Moreira (UFPR) e Prof. Me. Murilo Milek (UFPR), além da orientação técnica, produção e edição do *podcaster* Cristiano “Barba” Machado, do canal @teologiadeboteco (ao qual dedicamos especial agradecimento pelo trabalho), e do editor da Revista do NESEF, Prof. Me. Lucas Lipka Pedron. Se até hoje os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras, o que importa agora é transformá-lo... em *podcast*.

Para a apresentação e guia dos temas abordados, um resumo das perguntas feitas pelos entrevistadores está na sequência do texto, divididas por temática e programa. Ao final do texto, listou-se a bibliografia citada pelo professor Arantes durante sua fala. A Revista do NESEF convida a cada leitora e leitor a baixarem os episódios, divulgarem e compartilharem livremente os artigos e arquivos e participarem desta experiência pela democratização do saber e do pensamento, tão necessária em tempos obscuros como os atuais. O sucesso desta empreitada abre caminho para mais produções de conteúdo multimídia e multiplataforma nas próximas edições, com convidados de peso e pautas fundamentais para o mundo de hoje.

Programa 1

Um conceito atropelado pela realidade

No primeiro programa, as perguntas se iniciaram pela abordagem do conceito de Zonas de Espera, trazido por Arantes em *O Novo tempo*

do mundo. Tais zonas, regiões próximas aos centros desenvolvidos (ou às cidades cercadas), caracterizam-se pelo fato das pessoas se encontrarem em um eterno compasso de espera para serem “admitidas” no que seriam os centros sobreviventes do capitalismo neoliberal e deixarem a situação de carência completa. Tal compasso era caracterizado pela constante expectativa de que logo chegaria a vez do indivíduo “chegar lá” – acarretando uma transformação nos conceitos de tempo e espaço.

Hoje, é possível constatar duas situações estranhas que, talvez possam conversar com este conceito: a ruptura do tempo ocasionada pela quarentena (talvez o mundo esteja nesse compasso de espera para uma “cidade” que não existe de fato, um pós-pandemia) e a messianização populista de características apocalípticas no Brasil, onde os soldados do BolsoMessias entendem o Agora como o tempo do combate Bem X Mal. Com base nisso, Arantes foi instado a abordar estes fatos sob o prisma da Espera, da Expectativa e (por que não) da ausência de esperança, fazendo também um resgate histórico de como a primeira tentativa de implantação do neoliberalismo no Brasil pode ser (ou não) compreendida como um dos pilares dos fatos caóticos que se sucedem hoje no país. Se no passado o limite do intolerável foi a aliança entre PSDB e PFL, o braço sobrevivente da Arena e das raposas que apoiavam o regime militar, e a posição de títere do capital internacional assumida por alguém que era visto como representante da intelectualidade brasileira, o avanço da extrema direita mundial mostra que o poço pode não ter fundo próximo.

Como alguém que acompanhou de perto o processo de globalização e seus impactos no Brasil sob os governos FHC – e sempre insistiu no caráter de extrema precarização das condições de vida que, trazendo como consequência a violência, gerou mecanismos cada vez mais avançados de contenção dos descontentes sob a ideia de uma guerra cosmopolita – Arantes volta seu radar para a possibilidade de traçar um movimento de continuidade entre essa guerra e o movimento de extrema direita que ganha corpo mundialmente, analisando pontos de contato e afastamento entre o nosso neofascismo à brasileira e o nosso neoliberalismo dos anos 90.

Uma distopia de controle?

Neste programa, Arantes também apresenta sua visão sobre o par conceitual produção e controle, fruto que surge da profunda mudança nos modos de produção capitalistas. Seria possível pensar que a pandemia chegou para levar o neoliberalismo ao colapso pelo retorno do Estado como indutor em países que trataram melhor o problema ou o que veremos será uma radicalização da atomização no mundo do trabalho e do capital, principalmente como efeito do uso da tecnologia? Ao mesmo tempo, assistimos o estabelecimento de uma dicotomia entre Controle social, distanciamento físico, *drones*, vigilância *versus* um bando de descerbrados e suas carreatas da morte. Caminhamos para uma sociedade de controle e vigilância extremas em nome da saúde?

Ao mesmo tempo, esta mudança de modos de produção, conforme exposta por exemplo nos documentários “Indústria Americana” e “Democracia em Vertigem”, nos últimos filmes do diretor Ken Loach (“Eu, Daniel Blake” e “Você não estava aqui”) e nos trabalhos de economistas como Paulo Nogueira Batista Jr. e outros, escancara que as formas como o trabalho se estruturou no pós-II Guerra está em franco declínio, acelerado no ocidente com a ascensão do neoliberalismo nos anos 70 e culminado na derrocada do bloco soviético. Porém, a radicalização dessa forma de produção, ao que parece, encontrou na China – e no modelo asiático de forma geral – a possibilidade de efetivação mais concreta. As tecnologias desenvolvidas por lá permitiriam um controle e uma naturalização dessa forma de trabalho sem direitos trabalhistas e de controle social radical que o ocidente não conseguiu implementar nem no auge apoteótico do neoliberalismo.

Nesse momento de embate entre uma China ascendente e EUA descendente com relação à posição de grande potência mundial, falou-se muito sobre um conceito como o “fim da história”, de Francis Fukuyama (a uma narrativa sobre uma guerra permanente entre um “centro iluminado” pós-nacional da economia de mercado livre, etc., e outro centro obscuro de estados nacionais, militaristas e intervenções). Curiosamente, a ascensão da China como modelo mais eficiente de exploração do que o modelo neoliberal anglo-estadunidense é acompanhada de um recrudescimento desse centro “obscuro” nacionalista, protecionista e militarista justamente em países simbólicos do triunfo neoliberal sobre o obscurantismo soviético: EUA e o Reino Unido.

Diante desse cenário, o que Arantes teria a dizer sobre o “fim da história”? E qual seria o papel do Brasil nessa história? Poderia haver um momento pior para termos o governo que temos?

Curioso, não? O link para o primeiro programa é:
<https://anchor.fm/contradizendo/episodes/ContraDizendo-01---Zonas-de-Espera-com-Paulo-Arantes-emeoro>

Programa 2

O arcaísmo do Esclarecimento

Já na segunda parte da entrevista, o foco voltou-se à existência de uma dialética entre atraso e progresso e como ela se manifesta na realidade social contemporânea brasileira. O ponto de partida do debate é a entrevista dada por Roberto Schwarz à Folha de São Paulo em novembro de 2019.

Nesta entrevista, Schwarz, interlocutor constante de Arantes, declarou que, apesar de haver paralelos com 1964, nosso momento atual possui uma diferença fundamental. Diz ele que: “Mal ou bem, em 1964 esquerda e direita prometiam a superação do subdesenvolvimento, horizonte com que hoje ninguém mais sonha”, de modo que “apesar da derrota do campo adiantado, continuava possível – assim

parecia – apostar no trabalho do tempo e na existência do progresso e do futuro”.

Todavia, hoje, citando Schwarz, o “neoatraso do bolsonarismo, igualmente escandaloso, é de outro tipo e está longe de ser dessueto.” Fenômenos como a “deslaicização da política, a teologia da prosperidade, as armas de fogo na vida civil, o ataque aos radares nas estradas, o ódio aos trabalhadores organizados etc. não são velharias nem são de outro tempo”. Para ele, tais fenômenos são antissociais, mas nasceram no terreno da sociedade contemporânea, no vácuo deixado pela falência do Estado, sendo possível que estejam, para Schwarz, “em nosso futuro, caso em que os ultrapassados seríamos nós, os esclarecidos. Sem esquecer que os faróis da modernidade mundial perderam muito de sua luz”.

A pergunta a Arantes se faz impositiva: será que Bolsonaro seria a expressão de um novo tempo do mundo, no interior do qual são os esclarecidos, os opositores, como diz Schwarz, que são os arcaicos? E, sendo assim, seria possível dizer que os negacionismos de toda ordem, a pós verdade que domina os discursos, a narrativa de seita e do escolhido não seriam arcaísmos, mas uma espécie de segunda vitória da dialética do Esclarecimento, mais uma volta no parafuso que traz a mais nova, tecnológica e bem desenvolvida forma de progresso, de desenvolvimento das técnicas de organização social – tudo racionalmente mediado? Em outras palavras, o bolsonarismo é o futuro, é a mais inovadora, tecnológica e bem desenvolvida forma de organização opressiva social?

Debruçar-se sobre uma questão deste tipo exige que as raízes deste futuro distópico sejam procuradas no passado autoritário recalcado da sociedade brasileira. A não-ocorrência de um acerto de contas ou de uma reelaboração dos eventos do passado, notadamente da ditadura militar, permitiu novamente a ascensão do protofascismo nos moldes bolsonaristas? Ou há mais razões para isso na *psique* social nacional do que apenas um desejo recalcado de retorno ao exercício de qualquer forma de poder por parte da única classe social que experimenta ascensão atualmente (o baixo oficialato entre os militares)?

A ansiedade precoce da Filosofia

Por fim, o que o pensamento pode oferecer como saída às pessoas em uma situação na qual o desespero pela sobrevivência imediata parece ocupar o centro de todo e qualquer debate ou ação humana? Se, como Byung-Chul Han disse, em entrevista à Agência EFE, o vírus é um espelho que mostra em que sociedade vivemos, encontramo-nos numa sociedade de sobrevivência que se baseia, em última análise, “no medo da morte. Agora a sobrevivência se tornará absoluta, como se estivéssemos em estado de guerra permanente. Todas as forças vitais serão usadas para prolongar a vida”.

Ora, o conceito de guerra permanente não é alienígena à obra de Arantes, especialmente no interior das sociedades periféricas. Mas a questão que se coloca é até que ponto isso deve se intensificar, como um aprofundamento do que já estava aí, ou entramos em uma nova ordem, digamos, num ainda mais novo tempo do mundo? Essa situação totalmente nova, diga-se mesmo imprevisível, causou reações no mínimo precipitadas de alguns filósofos que se adiantaram em estabelecer os impactos políticos e sociais da pandemia. Nessa precipitação vimos, por exemplo, filósofos se comportarem como verdadeiros negacionistas (como visto nos polêmicos artigos de Giorgio Agamben), outros ade-rindo rapidamente a uma espécie de poder revolucionário do vírus (o “otimismo” hegel-lacaniano de Slavoj Zizek). O que essas precipitações parecem ter em comum é um afã por confirmar suas teorias, mesmo quando a situação é completamente imprevista. A resposta final de Arantes ao *podcast* versa, então, sobre o seguinte dilema: qual a razão desta precipitação? É algum tipo de tendência da filosofia hoje essa incapacidade de pensar sobre o novo, o imprevisto?

Ouça as respostas e provocações instigantes de Arantes a estas questões. A parte 2 do *podcast* está acessível neste link:
<https://anchor.fm/contradizendo/episodes/ContraDizendo-02---Zonas-de-espera-com-Paulo-Arantes-parte-II-emepea>

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua** I. Trad. Henrique Burigo. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. **L'invenzione di un'epidemia**, Quodlibet, 22.fev.2020. Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-l-invenzione-di-un-epidemia>.

_____. **Contagio**. Quodlibet, 11.mar.2020. Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-contagio>

ANDERSON, Perry. **O Fim da história: de Hegel a Fukuyama**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.

ARANTES, Paulo Eduardo. **O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência**. São Paulo SP: Boitempo Editorial, 2014. (Coleção Estado de sítio).

COSTA, Petra. **Democracia em Vertigem**. [s.l.]: Netflix, 2019

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

HAN, Byung-Chul. **Coronavirus radicaliza a vigilância sobre as pessoas**. Entrevista. Agência EFE, Disp. <https://sibila.com.br/cultura/coronavirus-radicaliza-a-vigilancia-sobre-as-pessoas/13836>

HYPPOLITE, Jean. **Genesis and Structure of Hegel's Phenomenology of Spirit**. Illinois : Northwestern University Press, 1974

_____. **Logic and Existence**. Albany : State University of NY Press, 1997

KLEIN, Naomi. **Coronavírus pode construir uma distopia tecnológica**. Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/05/13/coronavirus-governador-nova-york-bilionarios-vigilancia/>>.

KOJÈVE, Alexandre. **Introdução à leitura de Hegel**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

LEPLEY, John. **Keynes, the Rabble, and Revolution**. Disponível em: <<https://newpol.org/review/keynes-rabble-and-revolution/>>

LOACH, Ken. **Eu, Daniel Blake**. [s.l.]: Scanbox Entertainment, 2016.

_____. **Você não estava aqui**. [s.l.]: BBC Films, 2020.

MINKOWSKI, Eugène. **Le Temps Vécu: Études Phénoménologiques et Psychopathologiques**. Neuchâtel (FR): Delachaux & Niestlé, 1933.

NEGT, Oskar; KLUGE, Alexander. **O que há de político na política?** Trad. Karola Zimber. São Paulo: Unesp, 1999.

OCHOA DISELKOEN, Hugo Renato; GUTIÉRREZ BUSTOS, Raúl; DÍAZ, Jorge Aurelio. **Kant, Fichte, Schelling, Hegel: correspondencia**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas, Departamento de Filosofía, 2011.

REICHERT, Julia; BOGNAR, Steven. **Indústria Americana**. [s.l.]: Netflix, 2019.

ROQUETE-PINTO, Claudia. **Corola**. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.

SCHWARZ, Roberto. **Neoatraso bolsonarista repete clima de 1964**. Caderno Ilustríssima, Folha de São Paulo. Entrevista, 15 nov. 2019. Disp. em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/11/neoatraso-bolsonarista-repete-clima-de-1964-diz-roberto-schwarz.shtml>

SILVA, Fernando de Barros e. **Dentro do Pesadelo.** Artigo. Revista Piauí. Ed. 164, Maio 2020. Disp. <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/dentro-do-pesadelo-2/>

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo Histórico e Civilização Capitalista.** Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2001.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do viral! Coronavírus e a reinvenção do comunismo.** Artigo. 12.mar.2020. Blog da Boitempo. Disponível em <https://blogdabotempo.com.br/2020/03/12/zizek-bem-vindo-ao-deserto-do-viral-coronavirus-e-a-reinvencao-do-comunismo/>

Recebido: em outubro 2020

Aprovado: em outubro de 2020